neuropsicomotor, variando de início precoce ou tardio, além do risco de abortamento e prematuridade. Devido à alta prevalência da sífilis na população sexualmente ativa, dos desafios do rastreio, realização de pré-natal e disponibilidade ao tratamento, o aumento dos casos torna-se um alerta para atenção à saúde. Sendo assim, é fundamental descrever o perfil epidemiológico da sífilis congênita de pessoas entre 0 a 19 anos no Brasil.

Métodos: Estudo transversal, retrospectivo e descritivo realizado por meio dos dados disponibilizado pelo Sistema de Morbidade Hospitalar (SIH/SUS – DATASUS) entre 2013 e 2022 considerando o número de hospitalizações pela sífilis congênita de acordo com o local de internação, bem como as variáveis: unidade da Federação, sexo, cor/raça, faixa etária, taxa de mortalidade e valor total. Os critérios de exclusão foram as informações não compatíveis com as variáveis em questão. Para a análise dos dados, foi utilizado o software Microsoft Office Excel® 2016.

Resultados: De acordo com os dados coletados, houve um total de 152.902 internações de crianças e adolescentes por sífilis congênita, no Brasil, entre 2013 e 2022, sendo o Rio de Janeiro o estado com maior número de internações (15,12%), seguido de São Paulo (13,84%) e Pernambuco (9,72%). Amapá (0,55%) e Acre (0,62%) apresentaram menores taxas. Sem identificação (39,93%), pardos (39,72%), menores de um ano de idade (99,37%), mulheres (51,6%), homens (48,4%) é o perfil nacional de maior acometimento da sífilis congênita. Destacando as maiores taxas de mortalidade nos estados do Acre (0,83%), Amapá (0,48%) e Piauí (0,47%) e, igualmente, as menores no Mato Grosso e Distrito Federal, (0,6%), se comparadas à nacional (0,17%).

Conclusão: Conhecer o perfil da população mais afetada, sobretudo das pessoas sem informação de cor/raça, viabiliza o desenvolvimento de estratégias adequadas para prevenção, diagnóstico precoce e tratamento. A taxa de mortalidade maior em estados com baixos índices de internação, Acre e Amapá, sugere baixa eficácia do tratamento, perpassando do acesso aos serviços de saúde, disponibilidade de leitos e medicamentos, ao acompanhamento ambulatorial, multidisciplinar. Assim, ações conjuntas das esferas de saúde necessitam ser tomadas visando garantir o amplo funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-chave: Sífilis congênita Pediatria Perfil epidemiológico Brasil

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103211

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E MICROBIOLÓGICO DE PACIENTES COM OSTEOMIELITES EM UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO ENTRE 2017 E 2019

Carolina Salume Xavier*

Hospital Estadual Dório Silva (HDS), Serra, ES, Brasil

Introdução: Uma das complicações mais desafiadoras da cirurgia do trauma é a infecção após fixação de fratura (IAFF), cujo diagnóstico precoce e manejo adequado é essencial para a prevenção da osteomielite crônica, que vem aumentado globalmente ao longo dos anos. A crescente ocorrência de acidentes de trânsito com traumas de alta energia, aliado a ocorrência de fraturas expostas de manejo complexo são possíveis fatores que contribuem para este aumento. A maior frequência de microorganismos multirresistentes tem tornado o tratamento cada vez mais desafiador e uma equipe multidisciplinar incluindo ortopedistas e infectologistas se faz necessária para conduzir adequadamente os casos.

Objetivo: Descrever o perfil epidemiológico e microbiológico dos pacientes com osteomielites atendidos no Hospital Dório Silva (HDS) entre 2017 e 2019, e seu progresso após tratamento cirúrgico em 12 meses.

Métodos: Foi conduzido um estudo de série de casos de pacientes com diagnóstico de osteomielites acompanhados no HDS, com avaliação de variáveis clínico-demográficas, microorganismos identificados em culturas de fragmentos ósseos e desfecho clínico após 12 meses do tratamento concluído.

Resultados: Cento e setenta e nove pacientes foram incluídos no estudo. A maioria dos pacientes era do sexo masculino (n = 128; 71,5%) e foram diagnosticados com osteomielite crônica (n = 169; 94,4%). Cento e trinta e sete das osteomielites foram causadas por apenas um agente bacteriano (76,6%), e 42 (26,47%) foram polimicrobianas. Do total de pacientes estudados, 140 (78,2%) apresentaram recorrência osteomielite. Foram isolados 278 patógenos, sendo os mais prevalentes os cocos grampositivos, Staphylococcus aureus (n = 104; 37,4%) e Staphylococcus coagulase negativa (n = 52; 18,7%) seguidos das bactérias gram-negativas (n = 109; 39,2%.).

Conclusão: O perfil epidemiológico e microbiológico encontrado é semelhante à literatura vigente, sendo a maior prevalência de osteomielite crônica pós traumática de membros inferiores entre homens com idade acima de 50 anos, e infecções por cocos gram-positivos, porém com uma proporção maior de recorrências. Este estudo aponta para a importância de elucidar os fatores de risco que levam à recorrência da infecção, bem como de estruturar serviços de saúde formados por equipe multidisciplinar integrada para atendimento dos pacientes vítimas de fraturas ortopédicas.

Palavras-chave: Infecção após fixação de fratura osteomielite microbiologia recorrência

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103212

PERFIL ETIOLÓGICO DAS INFECÇÕES RESPIRATÓRIAS AGUDAS (IRA) OCORRIDAS NO ESTADO DO ACRE

Ágatha Monike Silva Nunes[a,*],
Delana Andreza Melo Bezerra[a],
Luana Soares Barbagelata[a],
Amanda Mendes Silva Cruz[a],
Wanderley Dias das Chagas Júnior[a],
Edvaldo Tavares Penha Junior[a], Edna Filizzola[a],
Alessandra Alves Polário[a],
Maria Silvia Sousa de Lucena[a],
Francy Anny Ribeiro Montero Mariscal[b],
Mirleide Cordeiro dos Santos[a]

[a] *Instituto Evandro Chagas (IEC), Belém, PA, Brasil;*
[b] *Laboratório Central de Saúde Pública do Acre (LACEN-AC), Rio Branco, AC, Brasil*